10. Giovani Bravin Peres

Nascido em 09/06/1988 em São Paulo, se graduou em Ciências Biológicas – modalidade médica na UNIFESP e agora cursa mestrado na mesma instituição. Esta foi a primeira entrevista que planejamos fazer, pois na época do projeto ele era o participante mais assíduo do LabHum, mas acabou sendo a última. Giovani participa do LabHum desde 2007 e foi citado nas entrevistas de Sharmila e Yone.

A entrevista foi em 06 de dezembro dfe 2010, e eles quis começar pela literatura, sempre de uma forma muito formal, séria e pausada de falar, sempre muito pensado, mas mesmo assim simpático. Encarou a entrevista de forma muito estruturada, mas também tranquila e leve. Apesar de uma relação intensa com o LabHum, Giovani não mudou sua trajetória acadêmica focada na ciência dura. Porém procura sempre escrever com mais literatura. Segundo ele o LabHum tem influenciando em sua formação e capacidade como aluno e profissional. Para ele ninguém se liberta sózinho, o homem só se liberta em comunhão.

"O LabHum participa mais de mim do que eu do LabHum, porque aquelas discussões continuavam repercutindo na minha vida durante a semana!"

Bom, contar a minha história de uma forma linear seria provavelmente a forma mais fácil, mas seguramente não a mais interessante. Focarei, assim, em momentos da minha vida que envolveram o mundo da literatura.

A leitura

Uma das memórias mais distantes que tenho, de um primeiro contato com a leitura, foi durante meu primário. Estudei o primário e metade do ginásio em escola pública na cidade de São Paulo, e quem vivenciou a década de 90 sabe bem que o Ensino Público já não se encontrava em seu auge, por não dizer em decadência. Apesar disso, um trunfo considerável era aquela biblioteca. Um livro que despertou em mim o interesse pela leitura, por volta dos meus oito ou nove anos, foi um chamado "Viajantes do Infinito" [1]. Com uma linguagem voltada para jovens, atraiu-me pela trama criativa. Até hoje me recordo das palavras que iniciavam sua sinopse: "os sonhos mais tenebrosos de um garoto tornam-se realidade... para destruí-lo!" Era a história de um garoto cuja imaginação influenciava a realidade a sua volta, e a história partia para um rumo inesperado, e isso me conquistou.

Ao longo dos anos escolares, fui me dedicando a outros livros, alguns cuja leitura obrigatória me surpreendeu, como foi o caso de "Sombras de Reis Barbudos" [2], outros cuja antecipação forçada criou certo desconforto, como foi o caso de Camilo Castelo Branco: concluí que não se pode estar pronto para "Brasileira de Prazins" ou "Amor de Perdição" aos quinze ou dezesseis anos. Ao menos eu não estive, ainda que com a devida apresentação. Paralelamente à leitura obrigatória, fui construindo minha biblioteca mental, colecionando personagens, estórias de vida, conflitos e, talvez o elemento de maior importância, a capacidade de abstrair e criar. Meus pais sempre incentivaram a leitura, e sempre que eu queria algum livro, conseguia. Confesso que lá de casa, acredito, sou quem mais lê hoje em dia.

Uma outra memória que me vem, seria algo em torno dos meus treze anos, quando comecei a ter contato com a língua espanhola, e de súbito fui me apaixonando pelo idioma, não devido apenas à língua propriamente, mas por toda a cultura que fora apresentada com ela. Virtudes era seu nome, uma senhora que me acrescentou muito na vida. Ela não lecionava apenas gramática espanhola, ou como se escrever ou falar corretamente os verbetes mais comuns destinados ao espanhol do ensino fundamental, mas sempre fazia questão de envolver um pouco da cultura "*de la lengua*". Assim fui me envolvendo com poesias, e outros textos, aproximando-me cada vez mais do idioma.

---

[1] Flavia Muniz. Editora Moderna. 1991.

[2] José. J. Veiga.

"*Verde que te quiero verde. Verde viento. Verdes ramas. El barco sobre la mar y el caballo en la montaña*". E um dos personagens que mais me marcou nessa trajetória foi Federico Garcia Lorca, e a sua história de vida. Garcia Lorca foi assassinado durante a guerra civil espanhola, deixando um legado extremamente intenso do ponto de vista emocional. Não há como ler verdadeiramente Lorca e não se emocionar, ainda que não se saiba muito do idioma, o sentimento traspassa e por si só já é o incentivo para querer-se aprender. Pela primeira vez na vida vivi o sentimento dos poetas. Não há como permanecer inerte após ter os olhos golpeados por tais palavras. Talvez não tenha tido a oportunidade de dizê-lo pessoalmente, mas agradeço profundamente à *maestra* pela sábia escolha de envolver-me com o idioma.

Continuando essa trajetória, ainda de forma não linear, não consigo me esquecer das leituras para o vestibular. Eram livros que tinham a necessidade de serem lidos, ainda que alguns não fossem lá tão atraentes, como os já citados de Castelo Branco, tanto em tamanho quanto em vocabulário. Mas eu me permiti analisar essas obras do ponto de vista literário, não apenas por obrigação, e confesso que algumas foram muito prazerosas. Outras até retornaram à minha leitura através do LabHum, como Machado de Assis e Guimarães Rosa, e creio que foram contribuições muito importantes.

Tive em minha formação uma professora de literatura que me fez enxergar a arte de uma forma muito prazerosa, fez-me enxergar a arte como vida. A manifestação literária, teatral, qualquer que seja a forma como nós a rotulemos nada mais será do que uma manifestação da vida. Assim encarei a literatura do ponto de vista essencial, necessária para a sobrevivência. Grande Cidinha! Dela também herdei a paixão por Fernando Pessoa! E mais ou menos nessa época, se eu retornar desde o meu envolvimento com a literatura espanhola, até a minha passagem pela literatura brasileira obrigatória, do Ensino Médio, e também meu envolvimento com obras que me eram de gosto, foi então que comecei a manifestar por escrito as minhas próprias impressões.

A escrita

Foi nesse momento que comecei a me envolver propriamente com a literatura, exatamente quando comecei a escrever. Nunca escrevi obras relativamente grandes, mas sempre gostei de escrever. Assim, a partir de alguns versos rabiscados

surgiam alguns sonetos; a partir de pequenos *insights* ou de fatos do cotidiano, surgiam alguns contos. Iniciei a escrita algo maior, mas a pressão do cotidiano acabou me impedindo de dar continuidade a alguns projetos: tenho dois romances em andamento, mas que estão parados há mais de um ano.

Escrever, para mim, trouxe muitas conquistas. Foi através da escrita que eu, por exemplo, ingressei aqui. Lembro-me de que, em meu ano de vestibular, o processo seletivo era em três fases: na primeira, conhecimentos gerais, fui muito bem; na segunda, português e inglês, só não gabaritei por uma questão, e tive a redação com nota máxima; em contrapartida, no terceiro dia, acabei por me "desatentar" em algumas questões escritas, já não me lembro quais, fato que deslocou minha nota um pouco para baixo. Graças ao meu bom desempenho dos dias anteriores consegui ingressar nesta Universidade. Isso mostra que meu envolvimento com a literatura me trouxe vantagens, acadêmicas inclusive.

Como sempre gostei de ler e de escrever não tive problemas em manifestar aquilo que pensava. Provas ou mesmo relatórios científicos, que embora possuam um estilo descritivo direto diferente da escrita literária, nunca foram um problema para mim. Tentar escrever textos científicos de uma forma um pouco mais literária, buscando fugir do padrão científico estrito de frases curtas e objetivas, interpolando algumas comparações, ou figuras de linguagem, é para mim muito interessante.

Não posso deixar de citar também a importância da literatura na minha vida amorosa. Todas as minhas paixões, platônicas ou não, possuíram em algum momento manifestações escritas. Confesso que estar apaixonado é de extrema importância para o surgimento dos melhores textos. Não necessariamente falarão de amor, pelo contrário. Acredito que estar apaixonado, com uma visão perturbada do seu próprio eu, da sua própria situação, permite com que escrevamos sobre os temas mais diversos, que se relacionam com o humano. Já disse o poeta: "pensar é estar doente dos olhos"... "amar é a eterna inocência, e a única inocência é não pensar". Assim, amando, é possível sentir o mundo de outras formas.

O LabHum

Ingressei no LabHum em 2007, no meu segundo ano da graduação, após ter a disciplina de Filosofia, com o Prof. Dante. Ele me convidou para entrar ainda no primeiro ano, mas por questões que me impediram, de tempo e laboratório, acabei ingressando apenas em 2007. Eu me lembro de que o primeiro livro que lemos no LabHum foi "O Idiota", de Dostoievski, e para mim foi uma grande conquista porque eu não conhecia muito da literatura russa. Começar com Dostoievski foi algo muito interessante, que me permitiu expandir meu leque, e via LabHum, identificar elementos particulares da escrita russa, e semelhanças com a própria literatura brasileira, e ver que apesar da distância, da diferença climática, os dois povos são muito parecidos. Recordo-me com muito carinho desse primeiro livro, que levou a uma discussão intensa, de aproximadamente três meses. Lembro que nos dois primeiros meses ainda tratávamos da primeira metade do livro, cujo marco temporal não ultrapassava vinte e quatro horas! Lembro quantos assuntos importantes foram tratados, essenciais ao humano. Além disso também minha própria perspectiva e compreensão da palavra idiota se modificou. Depois desse livro passei a não considerar idiota mais como uma palavra pejorativa, mas sim um elogio.

Em seguida, se não me engano, tivemos a discussão de Vá Onde Seu Coração Mandar[3], e esse livro me permitiu uma reflexão muito interessante sobre as questões que realmente importam na vida. Apesar de, até então, eu não ter vivenciado a maioria das questões levantadas pela personagem principal, isso me fez questionar tópicos importantes da minha vida. Recordo como foi estender essa discussão para dentro da minha própria casa, pois indiquei esse livro para minha mãe, e foi muito interessante discutir com ela depois de ter passado pelo LabHum.

O LabHum me fez crescer durante a graduação, porque foi o espaço em que encontrei como refúgio, permitindo-me respirar e sobreviver. Era o momento de minha semana que conseguia fugir da questão estritamente obrigatória da academia, da pesquisa, e era quando podia fazer algo que eu realmente queria fazer: sentar e discutir literatura com outras pessoas igualmente interessadas. Era como se nós nos reuníamos uma vez por semana, acendêssemos uma fogueira, discutíssemos em torno dela, depois a apagássemos e fossemos embora. Mas a fogueira continuava acesa dentro de cada um.

---

[3] Vá aonde seu coração mandar, de Susanna Tamaro

Também trago com muito carinho a lembrança da primeira vez que discutimos uma obra poética, de Adélia Prado[4], de quem, até então, eu conhecia apenas alguns poemas. Foi uma leitura muitíssimo prazerosa, por entrar em contato com uma poesia extremamente simples, porém que falava de elementos tão importantes. Dos impactos do LabHum lembro também de quando começaram a surgir indicações de filmes, e um desses foi "Na Natureza Selvagem". Novamente, elementos da nossa discussão no LabHum acabavam se ampliando na minha vida cotidiana. Eu percebia que o LabHum participava mais de mim do que eu participava do LabHum, porque aquelas discussões continuavam repercutindo na minha vida durante toda a semana. E percebia, passo a passo, como aquela estrutura crescia e eu era um participante daquele elemento que tomava corpo.

No ano de 2010, infelizmente, não pude participar do LabHum de forma assídua por problemas de tempo, normais na correria do mestrado. Graduei-me em 2009, assim de 2007 a 2009, por três anos, participei do LabHum frequentemente. Já em meu no último ano de graduação tive muitos problemas para conciliar as atividades extracurriculares com a conclusão do curso.

Recordo que, certa vez, saiu uma matéria sobre o LabHum[5], e eu fui um dos entrevistados, e lembro a forma como eu destaquei a vivência no LabHum: que ler um livro não é simplesmente abrir e observá-lo; ler um livro é cheirá-lo, é tocá-lo, é absorver a tinta, e é exatamente isso que eu sentia no LabHum. Eu tinha um grande prazer em compartilhar as experiências de leitura. Nos primeiros encontros de um livro aparecem as experiências de leitura, a impressão que o livro deixou. A partir de um certo tempo também começaram a surgir as experiências de não-leitura, que embora soasse aparentemente paradoxal, trouxeram ganchos de discussões muito importantes: as visões das pessoas que ainda não haviam terminado de ler, ou que não tinham sequer começado, e traziam sobre a obra um ponto de vista preconceituoso até, como aconteceu com Frankenstein, de Mary Shelley. Nem todos haviam terminado a leitura e no primeiro encontro surgiram vários elementos curiosos. Em uma época gravávamos

---

[4] O Coração Disparado, de Adélia Prado

[5] Matéria na revista Saúde Paulista em Dez/2007, disponível em http://www.unifesp.br/centros/cehfi/labhum.htm

as discussões, e me utilizava disso como ponto de inspiração, muitas vezes, para me dispor a escrever. Alguns de meus textos surgiram como frutos das discussões do LabHum, não diretamente, mas a partir de um amadurecimento delas no meu interior.

Há muitas contribuições do LabHum para minha vida. Eu diria que ele foi uma sobrevivência; foi algo que me conquistou dentro dessa universidade, porque foi um espaço que encontrei no qual era possível associar as obrigações e continuar o prazer da leitura, deixando de lado, por um momento, a literatura técnica, a literatura científica. Isso para mim foi extremamente importante, porque sempre gostei de ler, sempre li em torno de dois a três livros por mês, e nos últimos meses notei como a minha frequência de leitura havia diminuído. Participar do grupo era um motivo para continuar com uma leitura que me agradava.

Eu vejo como a literatura é importante na formação de um profissional, independente de qual área seja, porque traz uma capacitação, uma habilidade de desenvolver a imaginação e a criatividade. Percebo isso como aluno e professor. Do lado do aluno, que notou um crescimento pessoal com a experiência literária ao longo da vida. Do lado do professor, pois durante meus quatro anos de experiência como professor e diretor do projeto CUJA[6] aqui na Universidade, fui por dois anos professor de português, especificamente de redação. E trabalhar com o processo de produção textual é extremamente árduo se não se tem a matéria prima com a qual trabalhar. Via meus alunos tentando criar algo a partir de um tema do qual se distanciavam, pois nunca haviam feito reflexões acerca destes anteriormente, ou não haviam tido contato com obras que proporcionariam a reflexão acerca dos mais diversos temas possíveis. O índice de livros lidos por parte dos jovens que ingressavam no cursinho, cuja maioria era oriunda de escolas públicas, era realmente algo assustador. Meu papel, além de ajudar na parte gramatical, nas regras propriamente ditas, foi arquitetar um plano de como contribuir num curto espaço de tempo, o intervalo de um ano, para estimular esses jovens a questionar temas de importância para o vestibular e para a vida, visando à própria autoconstrução. Não foi uma tarefa fácil e eu confesso que me aproveitei das

---

[6] Cursinho Universitário Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia, projeto de extensão vinculado ao Departamento de Assuntos Comunitários – Pró-Reitoria de Extensão, e mantido por voluntários (alunos de graduação, pós-graduação ou funcionários) da UNIFESP.

estratégias do LabHum, como estratégias profissionais. Trazer um clássico à leitura, discutir um livro em roda, abordar um filme, ou trazer tópicos importantes de uma obra literária para um contexto próximo da realidade desses alunos não foi algo fácil, porém o desafio foi extremamente prazeroso. Sei que tive algum sucesso, pois pude verificar a mudança diante da situação inicial, bem como a aprovação de alguns alunos nos vestibulares de fim de ano.

Mestrado

Uma vez graduado, ingressei no mestrado diretamente, tendo um pequeno recesso para descansar entre minha formatura e o dia dez de janeiro (2010), a partir do qual já estava aqui na Universidade de forma integral. E inúmeros foram os problemas desse ano. Ainda era o diretor geral do cursinho, e arcava com as responsabilidades devidas, somando-se os problemas do mestrado, que se iniciava. Desde janeiro sem parar, em julho não tive férias, e estou direto no laboratório, muitas vezes por mais de 14h por dia. Em parte por uma vontade de terminar antes do tempo, eu tinha a grande intenção de defender a tese em um ano e meio.

Intervalos desse ano e momentos da minha vida me fizeram questionar o porquê de tamanha pressa, e comecei a ter problemas de saúde ao longo desse ano, adoecer mais facilmente, até por causa dessa rotina extremamente árdua. Comecei, então, a rever esses conceitos. Embora às vezes seja necessária a permanência por muitas horas no laboratório, realizando experimentos, ou até a necessidade de vir no final de semana, na maioria das vezes sinto-me atraído, porque é uma questão contínua, e é um processo que vai peça a peça, como num grande quebra cabeça, com uma resposta levando a mais perguntas.

Muitas vezes, os experimentos não decorrem da forma como imaginávamos, situações que qualquer cientista vivencia. Perceber o panorama do que está acontecendo é de extrema importância, e hora podemos nos sentir desestimulados. Como todo pós-graduando eu passei por essas fazes esse ano também.

Não participar do LabHum foi algo que me deixou grande parte do tempo próximo do desinteresse, porque minha rotina extremamente puxada, demonstrava sinais de pouca atração. Passei por todas as desilusões que todo o pesquisador passa,

neste ano, desde dificuldades financeiras para manter o próprio projeto, até a falta de interesse sobre o meu próprio motivo de estudo. Mas depois, quando os ânimos se acalmam, a paixão inicial se revela novamente, e percebo que são fases. Trabalhar com moléculas não é a mesma coisa que trabalhar com sentimentos, ou trabalhar com seres humanos, que é aquilo que eu encontrava no LabHum.

Não ir ao LabHum me privava de um contato necessário para. No mestrado temos que cumprir disciplinas obrigatórias, há a necessidade de se concluir créditos. Percebo como em um ano a minha mentalidade se modificou, vivendo tanto tempo no laboratório, porque às vezes eu não tinha mais vontade ou sequer ânimo de estar sentado numa sala de aula assistindo. Já o outro lado, estar numa sala de aula como professor, isso não perdeu o encanto, que foi o que me manteve durante esses anos dando aula. Eu já não tinha mais tanta paciência para assistir aulas propriamente. Sentar em uma sala de aula por horas foi algo que tive que reaprender, cumprindo algumas disciplinas. Estando a maior parte do tempo no laboratório, aonde embora se tenha um cronograma e prazos a cumprir, não há uma rotina estabelecida, pois cada dia é conduzido por aquilo que foi feito nos dias anteriores, deixa-nos assustados porque nunca sabemos aonde vamos ou quando vamos parar. Confesso que este foi um ano de pouca interação social; vi poucas vezes meus amigos e não tive muito contato com o LabHum, embora sempre tentasse, na medida do possível, acompanhar as discussões e a leitura pelo meio eletrônico.

Infelizmente temos professores nesta universidade que não valorizam atividades extracurriculares, como a extensão e o LabHum. Perceba aliás que é difícil enquadrar o LabHum dentro da Universidade, mas acredito que ele entraria como ensino, como pesquisa e como extensão, sendo a comunidade a própria UNIFESP. É lá que vejo realmente a rediscussão da Universidade, no conceito de Universidade como concebido. Isso é algo muito importante e que não pode se perder.

Recordo-me como cada participante que entrou no LabHum foi contribuindo com algumas dessas mordidinhas na nossa consciência. Alguns continuaram, outros se afastaram, mas eram momentos de participação bem interessante. Guardo com carinho algumas discussões, a exemplo de Crime e Castigo, de Dostoiévski, e a polêmica da culpa. Foi um momento interessante, cujo debate tornou-se um tanto quente diante do conflito de opiniões.

Não posso deixar de mencionar também um momento de descontração fora do LabHum, uma conversa que tivemos, Yuri eu e a Yone, num barzinho ali na Rua Borges Lagoa. Essa conversa foi há uns dois ou três anos, e ainda me lembro com detalhes do que conversamos naquela época. Isso é uma coisa que eu acho muito legal, essas lembranças são muito vivas, talvez pelo carinho que eu tenho pelo LabHum. E quando eu me proponho a escrever tem sempre muito do LabHum como um estímulo, porque de nada adianta eu gostar de escrever, **se** eu não me sinto estimulado. Seguramente, as discussões do LabHum levantavam temas extremamente particulares e motivadores.